



a prática, a teoria é "outra". Nesta ingênua forma de perceber a desvinculação entre teoria e prática há um equívoco que permeia os caminhos da mitificação. Leopardi (1995) coloca essa questão do mito da dicotomia teoria e prática, como um fosso intransponível entre tais segmentos da produção social do trabalho. Tal mito, no entanto, não desfigura a patente relação de necessidade mútua entre teoria e prática.

A pensar como Demo (1985) e Carvalho (1985), a teoria vem da prática e a ela retorna para fundamentar a necessidade de uma prática crítica. Assim, teorizar não é um fato intelectual isolado da prática e constitui-se em um momento de abstração sobre a realidade e a prática. Por sua vez, Hurtado (1992) coloca que não se deve pensar que o processo de conhecimento possa chegar a níveis profundos só a partir da própria experiência, ressaltando a contribuição da teoria como parte essencial do processo teoria-prática.

Ademais, a teoria não é neutra e traz consigo posições conceituais que

definem seu caráter enquanto dimensão política, o que se mostra nas versões interpretativas que atingem o interior das práticas. Portanto, o processo dialético da teoria e prática implica na possibilidade de intervir ativa e conscientemente em transformações. Estas só são construídas por ações, à medida em que, por explicações teóricas realizadas por abstração, são dados saltos qualitativos, passando da aparência exterior dos fatos às suas causas internas - estruturais e históricas.

Um outro aspecto, não menos destacável, é que uma teoria pode adquirir muitas leituras e que essas diversas versões determinam variações práticas.

De um outro lado, uma prática pode ser focalizada de diversos ângulos, e o olhar teórico corresponde à posição do teorista, o que dá sentido pensar na construção derivada de modos interpretativos de uma mesma realidade. Como uma qualidade de qualquer teoria está na entrega desta à provocação de uma prática crítica, essa criticidade da prática, aquecida por uma teoria, incita transformações na prática mesma, ao tempo em que comprova, por aguçamento da crítica, a qualidade da teoria de ser, ela própria, retificável. Esse ciclo que se expressa em um processo dialético ines-

Juarez Müller Dias*

* Prof. Adjunto - CDS/ UFSC Departamento de Metodologia Desportiva.

gotável, requer pensar também que a apreensão da realidade se dá em sucessivas aproximações, escapando pelas gretas de métodos insuficientes ou ainda por teorias intencionalmente determinantes de postura de reprodução. Estas, numa visão superficial e ingênua, orientam, de início, a teoria que, repetitiva, aprisiona a síntese do novo conhecimento, em círculo fechado.

Quando se trata de Educação, as teorias de escolha precisam guardar unidade em termos de que seus conceitos expressem, na práxis, a tendência à expansão e aprofundamento dos princípios democráticos e, em conseqüência, tenha compromisso com uma prática crítico-criativa que produza um avanço em termos tanto intelectuais como organizativos e políticos das ações transformadoras da mesma realidade que lhe inspirou como ponto de partida.

Entre teoria e prática não há ponto final do processo de educação, do contrário, os princípios do processo dialético, estariam feridos - e nesse aspecto, a impossibilidade dessa ruptura se compreende pela inerência desses termos e seu sentido original.

Quando se tem em conta que a Educação Física é uma prática social, também se quer dizer do compromisso social com uma prática crítica e emancipatória. Além disso, é preciso ter em conta que, para tanto, será preciso buscar explicações dessa prática - à luz de conceitos teóricos igualmente providos de crítica e incentivo à criação de sujeitos, portanto, uma teoria que reconheça a contínua oportunidade de libertação e autonomia no exercício da práxis daqueles que, com essa relação, se envolvem.

Repetir que na prática a teoria é "outra" é ratificar a acriticidade, é almentar o mito da dissociabilidade do indissociável, pois, mesmo onde a teoria não se apresenta como clara, em meio às ações em prática, ainda assim, ela ali está, implícita e sujeita ao custo de uma atitude mecânica e (in)consciente.

Teoria e prática são elementos inter-relacionados no processo histórico e na dimensão política da realidade, em contínua possibilidade de transformação.

Discutir esse tema como oportunidade curricular na Educação Física e criar exercícios de leituras e interpretações de teorias de caráter emancipatório, à luz de práticas pedagógicas correspondentes, são aproximações que ajudam docentes, discentes e outros envolvidos nessas situações, a reconhecer a importância da desmitificação de que na prática a teoria é "OUTRA".

A experiência da formação de Professores de Educação Física, de modo geral, ainda não se mostra consistente com concepções pedagógicas que se comprometam com a emancipação. Ao contrário disso, há, na história da Educação Física, um ranço autoritarista que, mesmo nos dias de hoje, quando a oportunidade de democratização veio para ficar, ainda se percebe os traços da dominação determinada historicamente. A despeito disso, a conscientização dos envolvidos com esta prática social, vem fazendo vir à tona o compromisso com uma participação crítica, participativa e criativa, embora em incipiente fase, onde a manifestação discursiva seja mais forte que os próprios gestos e sons mecanicistas, tão visíveis e audíveis nas práticas profissionais até então desenvolvidas.

Os equívocos, mesmo daqueles que advogam discursivamente a ênfase pedagógica na relação teoria-prática, são vários, mastalvez, o mais desmobilizador, seja o que se resume em interpretações de que a sala de aula corresponde à teoria e os locais de exercício realizados em ginásios, campos, pistas, quadras, piscinas, laboratórios, corresponde à prática. Este equívoco reflete o descompasso entre a teoria e a prática e faz entender, com essa dicotomia, que a sala de aula está mais próxima do verbalismo que da teoria. Por sua vez, a prática pouco crítica e distanciada da reflexão, assim vista, manifesta-se num ativismo, numa prática pela prática, desprovida da práxis.

O que está em jogo, de modo subjacente, é a dialética entre o pensar e o fazer, comprometendo imperativamente a explicitação da relação teoria-prática em qualquer instância da atividade humana.

As experiências como Professor de Educação Física fazem-me trazer à cena, lembranças vivas de momentos curriculares que não determinam, mas contribuem para a compreensão da aparente dissociação entre teoria e prática. Não é tão simples como possa parecer trazer exemplificações aqui, mas é sabido que as práticas docentes em “quadras” ou em “salas de aula” podem ou não evidenciar uma ou outra postura: a de manifestar a relação teoria-prática com os alunos ou (in) conscientemente neutralizá-la. A força dessa explicitação se inicia necessariamente da abordagem do processo de ensinar-aprender, ao se considerar verdadeiramente a intencionalidade da ação educativa, sobretudo no seu compromisso de declara-

ção de concepções que a fundamenta. Quando uma abordagem do próprio ensino-aprendizagem se traduz em ações de caráter sócio-cultural, em que conceitos e metodologias não estão deslocados da realidade, de lá emergem e para essa realidade retornam, essa abordagem docente possibilita a participação ampliada e crítica dos alunos, porquanto, de um modo ou de outro, todos se inserem em determinada realidade. Aqui surge uma outra implicação, qual seja, a do requerimento da abordagem do ensino-aprendizagem vir a estar em compromisso com a competência crítica. Ora, tal competência requer, por sua vez, um processo que salte de uma visão ingênuas ou aparente da realidade para uma síntese reflexiva, a qual só se obtém a partir da teorização das questões apresentadas por esta realidade. Desse modo, o mito da dissociação teoria-prática vai sendo desfigurado e a ciência, como produto histórico, com a educação, como ato político, dão lugar ao conhecimento como construção de uma prática vinculada inerentemente à teoria. A ponte entre a teoria e prática é a conscientização, é a presença de sujeitos na sociedade. As abordagens educativas que se antepõem a essa emancipação dos sujeitos potencialmente existentes em cada professor e cada aluno, têm a ver, de perto, com o crescimento da passividade, docilidade e até mesmo e, principalmente, com a acriticidade. Esses primeiros impedimentos da problematização e contextualização das situações da realidade, têm levado a própria Educação Física a se colocar de modo, até então mecanicista, reprodutivista, sem perspectivas concretas a curto ou médio prazo, de apresentar transformações das práticas, es-

tas muitas vezes tão ricas de elementos teóricos, muitas vezes intocados pelos profissionais da área.

A própria organização curricular da formação do profissional de Educação Física, por vezes, sugere essa dissociação teoria-prática, quando reforça a memória de regras e princípios alheios à discussão crítica das situações da realidade, estimulando com isto, a repetição mecanicista e a postura alienadora presente nestas outras práticas. A própria prática de ensino nas aulas de Educação Física em geral, por não possibilitar a problematização a partir das situações concretas e contextualizadas da realidade sócio-cultural, nisto se perde, obscurecendo os estágios de apreensão dessa realidade em sua efetiva conscientização. Assim, cada um de nós professores, como os alunos, teremos que nos exercitar e expandir-nos como críticos e construtores criativos de nova realidade. Para tanto, só a **teorização da prática** e a **prática da teorização**, podem facilitar a postura de transformação. E só assim a teoria na prática é outra... outra prática, transformada continuamente pela criticidade e criatividade humanas.

Bibliografia

- CARVALHO, Vilma. *Tangenciando o pensamento de Pedro Demo e suas alegações por uma prática crítica* - Anais do ISIBRATEN - Florianópolis-SC, 1985.
- DEMO, Pedro. *Teoria - Por que?* - Anais ISIBRATEN - Florianópolis-SC, 1985.
- FERREIRA, J. M. Carvalho. *Pedagogia Libertária "Versus" Pedagogia Autoritária*.
- HURTADO, C. Nuñez. *Comunicação & Educação Popular - Educar para Transformar - Transformar para Educar*. Petrópolis : Vozes, 1992.
- KUNZ, Elenor. *Educação Física - Ensino e Mudanças*. Ijuí : UNIJUI Ed., 1991.
- LEOPARDI, M. T. *Entre a Moral e a Técnica - Ambigüidades do cuidado de enfermagem*. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1994.
- TRENTINI, M^a Dias Lígia. "Indo Além do Modelo Médico - Uma experiência de ligação teoria-prática na assistência de enfermagem". *Rev. Texto & Contexto - EnfUFSC* Vol. 2 N° 1 - Jan./Jun. 1993.